



QUAL O DESTAQUE DADO AO POVO NEGRO EM UM LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 3º ANO DO ENS. FUNDAMENTAL

Maria Simone Alexandre da Silva ¹
Fernandina de Andrade Alves ²

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão acerca do destaque dado ao povo negro em um livro didático de história do 3º ano do Ensino Fundamental, utilizado em escolas públicas do Município de Caetés/PE, mais especificamente o livro AR Aprender e Relacionar da editora Moderna. Consideramos de suma importância materiais didáticos que auxiliem e reforcem a formação da identidade e valorização da cultura do povo negro, visto a tamanha atrocidade sofrida ao longo da história e do crime de racismo vivenciado até os dias de hoje. Levando em consideração isso, analisamos a abordagem dada a figura da mulher e do homem negro. Ao fazermos a análise prévia do livro, chegamos à conclusão de que o livro destina apenas uma unidade teórica para desenvolver tal temática e ao analisarmos as atividades e imagens, percebemos que o livro aborda a figura do negro a partir das contribuições culturais e das influências desse povo na cultura brasileira.

Palavras-chave: Povo Negro, Livro Didático, Cultura africana.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país reconhecido mundialmente por ter vivenciado um dos mais longos períodos escravocratas da história mundial. Mais especificamente foram 388 anos de escravidão. O período mais desumano e cruel que o país viveu, por isso é dito que há uma dívida histórica com os povos afrodescendentes, por terem sido duramente atacados ao longo do tempo.

Além do regime escravocrata, os povos afro-brasileiros passaram por vários tipos de violência, sejam elas físicas ou psicológicas. Até os dias de hoje esse povo ainda é violentado diariamente. A forma como a história é contada, deturpando, ocultando, desconsiderando e desvalorizando a figura das mulheres e homens negros é uma forma de violência. O racismo é um crime que ocorre cotidianamente como vemos

¹ Pós-graduada em Psicopedagogia institucional e clínica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI, simone.alexandre456@gmail.com;

² Mestranda em Ciências da Educação Universidade Del Sol – UNADES-CIA, Assunción-PY, fernandinaalves@hotmail.com.



nos noticiários. Assim sendo, os movimentos negros lutaram e continuam lutando por direitos que restaurem os danos sofridos.

Considerando a resistência do povo negro, os órgãos federativos passaram a acatar a pauta dos movimentos e criar leis para tentar amenizar os prejuízos causados a estes povos. Um exemplo disso foi a criação da lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas instituições de ensino de todo o Brasil. Grande avanço conquistado por meio de muita resistência e luta por parte dos movimentos negros. Esta lei contribuiu para dar visibilidade e valorização a cultura afro-brasileira, uma vez que, por muito tempo foi silenciada e discriminada. Aparecia na história apenas como força de trabalho escrava, sem nenhum reconhecimento.

Além desse dispositivo legal, vários pesquisadores mostram possíveis caminhos que este ensino pode seguir, sempre no viés de acabar com o racismo. A perspectiva aqui defendida, em suma, é que o papel do povo negro seja de fato valorizado e não ocultado da escola e que esse papel seja de protagonista e não de mero figurante como por muitos anos foi colocado.

Corroborando com Andrade (2005) defendemos que é necessário que haja referência positiva na vida da criança para que esta crie laços com a cultura do seu povo. Que as crianças negras reconheçam o papel do povo negro na história e passe a sentir orgulho e não vergonha da sua origem e que as crianças de pele branca passem a respeitar e valorizar para não reproduzir o racismo presente na sociedade.

Como a lei que torna obrigatório o ensino da cultura africana entrou em vigor há alguns anos, surgiu a ideia de verificar como é abordado o ensino da cultura africana nos livros didáticos de história. Assim sendo, resolvemos responder ao seguinte questionamento: qual o destaque dado a figura do povo negro em um livro didático de história do 3º ano, utilizado em uma escola pública do Município de Caetés/PE? Tendo por objetivo geral analisar como a figura da mulher e do homem negro é abordada e específicos: a) investigar a intensidade dada ao ensino da cultura africana, b) identificar os traços culturais abordados.

Esta análise foi fundamentada tomando como fundamentação teórica as ideias e concepções de Andrade (2005), Candau (2011), Munanga (2008), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996).



REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Art. 2º, é função da educação promover o “pleno desenvolvimento do educando” (BRASIL, 1996). Além disso, no mesmo parágrafo desta lei, no inciso XII, é proposto como princípio da educação que a “diversidade étnico-racial” (BRASIL, 2013) seja considerada, portanto, é função da escola, atender as necessidades dos estudantes, na formação da identidade racial e da própria autoestima.

Quando se fala em trabalhar a diversidade étnico-racial, nos vem logo a ideia de trabalhar sob a perspectiva dos negros, acreditando que, temos apenas que fortalecer a autoestima dos negros, contudo, ao trabalharmos a diversidade étnico-racial, temos que atingir tanto negros quanto brancos, pois a pedagogia de combate ao racismo, tem como objetivo “fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra” (BRASIL, 2013, p. 238). Sendo assim, os negros precisam serem e terem a própria história reconhecida perante toda a sociedade.

A autoestima, é algo essencial para o desenvolvimento do ser humano, pois “é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma... trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento” (TIBA, 1999, *apud*, SILVA, 2011, p.17). Porém, em uma sociedade em que alguns grupos sociais são alvos de discriminação, a autoestima destes fica comprometida. Foi o que ocorreu com os africanos e afro-brasileiros, havendo um grande desgaste na autoestima desse povo. Tanto que, foram criadas alternativas para disfarçar a negritude destes indivíduos, seja alisando o cabelo por meio de aparelhos ou procedimentos químicos, ou mesmo para disfarçar traços fisionômicos por meio de procedimentos cirúrgicos. O ideal para muitos é ser “menos negro”. Isso é consequência da discriminação racial sofrida.

Dessa forma, o processo histórico foi bastante conturbado, então, não estamos no pior momento da história com relação à discriminação racial brasileira, pois, antigamente o racismo era ainda pior, tanto que, acreditava-se que os problemas brasileiros eram fruto da cor da população negra. Dessa maneira, criaram o branqueamento da população negra, dando origem ao mulato, que nasceu de relações entre homens brancos e mulheres escravizadas, muitas vezes frutos de abusos sexuais (MUNANGA, 2008). Com o branqueamento surgiu também a crença de que todos os problemas se resolveriam, visto que, os filhos gerados dessa relação tinham menos



traços negros que os filhos de casais negros. Desse modo, os mulatos foram aos poucos sendo reconhecidos pelos pais, ganhando cargos de confiança nas fazendas e engenhos.

Assim, o racismo junto ao processo de branqueamento da população afro-brasileira, fez com que os mulatos não se reconhecessem como pertencentes à cultura dos seus descendentes, negando suas origens, devido ao preconceito sofrido. Isso enfraqueceu ainda mais os movimentos de resistência, fato apontado por Munanga (2008, p. 81):

[...] o fato de os mulatos se beneficiarem de um tratamento diferenciado por serem filhos dos senhores brancos e de numerosos deles entrarem na categoria de libertos deve também ter contribuído para enfraquecimento do sentimento de solidariedade entre eles e os negros.

O branqueamento contribuiu para que os movimentos de resistência contra a escravidão e de luta por direitos sociais enfraquecesse cada dia mais, pois, diminuiu o sentimento de solidariedade existente entre os negros, uma vez que, o mulato não se considerava negro mesmo não sendo branco, devido ter recebido um lugar de importância na sociedade branca.

O fato de aceitar o branqueamento, o que é uma maneira de dizer que o mulato tem um lugar especial na sociedade, tem como consequência a redução do descontentamento entre as raças (MUNANGA, 2008, p. 81).

Entretanto, isso tudo faz parte de um processo histórico em que a sociedade brasileira foi construída seguindo um “modelo hegemônico racial e cultural branco ao qual deveriam ser assimiladas todas as outras raças e suas respectivas produções culturais” (MUNANGA, 2008, p. 83). Por isso, que não eram consideradas as culturas e raças que fossem diferentes as dos colonizadores. Em outras palavras: silenciaram o pluralismo racial, pois “em nenhum momento se discutiu a possibilidade de consolidação de uma sociedade plural em termos de futuro” (MUNANGA, 2008, p. 83) mesmo o Brasil sendo extremamente plural.

Assim, por muito tempo, os povos afro-brasileiros sofreram fortes danos, sendo eles de ordem material, cultural, social, psicológica, política e educacional. Então, como forma de ressarcir os prejuízos causados a estes povos, foram criadas políticas públicas, com a intenção de valorizar, reconhecer e reparar os danos causados.



Para tornar viável a valorização e o reconhecimento dos povos afro-brasileiros, fazendo com que as diferenças raciais sejam respeitadas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, defendem que é necessário haver “justiça e igualdade de direitos sociais, civis, culturais e econômicos” (BRASIL, 2013, p. 232). Por isso, que políticas públicas como o sistema de cotas raciais, foram implantadas, para possibilitar essa justiça social.

Essas políticas públicas foram conquistadas dos grupos sociais de movimentos negros, que passaram a pleitear reconhecimento e valorização, denunciando “injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural” (CANDAUI, 2011, p. 241). Diante dessa demanda, o campo educacional também passou a ter que incluir determinada perspectiva. Assim, a questão racial vem sendo cada vez mais discutida, diante do aumento de estudos nessa área que se deu pelo fortalecimento dos movimentos negros no Brasil. Dessa forma, o ensino da cultura afro-brasileira, passou a ser regulamentado e tornou-se obrigatório nas escolas brasileiras, a partir da lei 10.639/2003.

Contudo, a escola ao longo da sua trajetória histórica, não aparenta querer assumir as diferenças e acaba desconsiderando-as, assim como afirma Candau (2011, p. 241).

A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos da realidade. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” a resolver.

Assim sendo, a escola recebeu a função de incluir no ensino da disciplina de história, a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, pelo menos é o que a lei exige. Contudo, muitas vezes, este ensino se resume a trabalhar apenas na “famosa” semana da consciência negra, ficando reduzido a uma mera data comemorativa, sendo que, muitas vezes, o ambiente da escola é constantemente palco de injúria racial e/ou racismo. Em muitos casos, a escola pode estar preenchida por discursos racistas e estes passando despercebidos. Assim, o que deveria ser uma rica oportunidade para o ensino da cultura afro-brasileira, é desperdiçada. Para isso, existem várias explicações, uma delas, é a falta ou pouca formação específica dos docentes. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o



Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira para trabalhar com as pedagogias de combate ao racismo e discriminações raciais é necessário ter:

[...] professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimento e além disso sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes e palavras preconceituosas (BRASIL, 2013, p. 238 – 239).

Assim, alguns projetos tem o objetivo de garantir a formação da identidade racial, partindo das escolas ou não, pessoas estão na ativa dentro dos movimentos de resistência, lutando para desconstruir preconceitos, paradigmas e padrões sociais.

Andrade (2005) criou um projeto para trabalhar memória, identidade e referência positiva para construção da autoestima da criança negra. A autora faz duras críticas aos conteúdos ofertados pelas emissoras de televisão abertas, afirmando que estes, não são bons para o desenvolvimento das crianças, seja ele cultural, social ou psicológico, principalmente para as crianças negras, que precisam se reconhecer enquanto indivíduos pertencentes a um determinado grupo social, ou racial (ANDRADE, 2005).

Corroborando com a autora, percebemos que a mídia muitas vezes propaga apenas uma cultura padrão, ou seja, a hegemonia de um único povo, visto que, a memória retomada na perspectiva da TV, em novelas ou em outros programas, é bastante arcaica e patriarcal, basta olharmos como é retratada a figura dos negros e dos índios em novelas e em programas humorísticos. Assim sendo, percebemos, que a TV aberta por meio de seus programas, não oferece conteúdos que oportunizem o fortalecimento e o reconhecimento de todos os povos ou mesmo o faz de maneira negativa:

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chegam a fazer adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo a sua vida cotidiana (DISTANTE, 1988, *apud* ANDRADE, 2005, p. 120).

Assim sendo, o conteúdo que é ofertado a criança, é bastante relevante na formação da sua autoestima, pois é esta referência que a criança vai levar para o resto da vida, inclusive, é contra essas referências negativas que as pedagogias de combate ao



racismo lutam, uma vez que, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira tem como alguns princípios básicos libertação de paradigmas negados ou distorcidos e quebra total com imagens negativas ofertadas pela mídia (BRASIL, 2013).

Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona um sentimento de pertencimento como reforço a sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade (ANDRADE, 2005, p. 120).

No caso da autoestima, a criança poderá sofrer com a sua identidade racial ao não se reconhecer como sujeito em seu programa de TV favorito ou mesmo no conto de fadas que a mãe ou a professora lhe contam, por perceber que ao falarem das características das princesas dos contos, ela nunca não as possui. As vezes não parece, mas estes contos estão carregados de ideologia e precisam serem lidos de maneira crítica. Portanto, é preciso haver um trabalho com a criança e com a família para que a criança tenha sua identidade reforçada.

METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em uma análise documental com abordagem qualitativa, porque lançamos mão de vários procedimentos científicos para extração de significados do material analisado, assim como orienta Lüdke e André (2012).

Utilizamos também a análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2011), consiste nas seguintes etapas “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise; a formulação das hipóteses e/ou dos objetivos; e, a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (p. 51).

De início, tivemos uma breve conversa com uma professora da rede pública de ensino do Município de Caetés afim de sabermos qual o livro é utilizado atualmente para o ensino de história e termos acesso a ele. Com o livro em mãos, identificamos no sumário as seções teóricas e os seus respectivos temas objetivando encontrar algo que pudesse nortear nossa análise. Em seguida, folheamos o livro por completo em busca de encontrar no sumário as unidades que abordassem a cultura africana. Após, começamos



a análise das atividades. Para nossa análise fizemos algumas imagens para auxiliar a discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpus de análise foi o livro do 3º ano do Ensino Fundamental, intitulado: “AR aprender e relacionar”, obra interdisciplinar com os componentes de história e geografia, com vigência para os anos de 2019 a 2022. O livro organiza-se em 4 unidades com seções fixas e subseções específicas. Sendo elas:

Unidade	Título
1	Os grupos sociais e os lugares de viver
2	Natureza cultura e paisagens
3	O trabalho no campo e na cidade
4	Cuidar do que é de todos

Destacaremos neste estudo, apenas, a análise das atividades propostas na primeira unidade (os grupos sociais e os lugares de viver) , pois, somente nesta, verificamos que há um estudo sistemático da cultura afrobrasileira. Esta unidade divide-se nas seguintes seções e subseções: “**Desafio à vista, 1. As pessoas e os lugares de viver, 2. Os grupos sociais na formação do município, Ligando pontos, Desafio à vista, 3. As influências culturais nos lugares de viver, 4. Grupos populacionais e influências culturais e ligando pontos**”.

Nesta unidade a cultura é tratada de maneira explícita a partir da página 30, na seção “**as influências culturais nos lugares de viver**”. Contudo, identificamos o estudo da cultura africana mais especificamente nas páginas 36, 37, 45, 46, 47, 48, 49, 50 e 51.

Nas atividades das páginas 36 e 37 são abordadas algumas dimensões culturais, sendo elas: **alimentação, linguagem, musicalidade e brincadeiras infantis**. Estas atividades possuem imagens, exemplificando comidas, palavras e brincadeira de origem africana, como podemos observar na imagem a seguir:

Os povos africanos e as influências culturais

Entre 1549 e 1888, diferentes povos foram trazidos da África para as terras que formariam o Brasil. Cada povo tinha hábitos e culturas específicas.

Atualmente, no Brasil, existem várias comunidades quilombolas, formadas por descendentes de africanos que ocupam há muito tempo uma mesma terra.

As influências culturais dos diferentes povos africanos na cultura brasileira atual são muitas, como nas técnicas de extração de minérios e construção de moradias. Conheça outras delas.



Moradores de comunidade quilombola no município de Rio de Contas, no estado da Bahia, em 2014.

Alimentação

Diversos ingredientes e alimentos que fazem parte de nossa cultura são influência de hábitos alimentares de diferentes povos africanos, como o acarajé e o vatapá.



Vatapá. Acarajé.

Linguagem

Muitas palavras usadas na língua portuguesa falada no Brasil têm origem em diferentes línguas africanas.

Cafuné: coçar a cabeça de alguém.	Quitute: comida refinada; petisco.	Cochilo: sono leve e breve.
Ginga: movimento corporal.	Xará: pessoas que têm o mesmo nome.	

Musicalidade

Diferentes ritmos musicais e danças comuns hoje no Brasil, como o samba, o maracatu, o lundu e a congada, são resultado da presença africana no país. Instrumentos musicais como o atabaque, a cuica e o berimbau, bastante usados no Brasil, são de origem africana.



Berimbau.

As influências dos povos africanos nas tradições culturais do povo brasileiro são muitas. Veja se você conhece o jogo da *matacuzana*, jogo de origem africana muito popular em Moçambique, país africano onde o português também é a língua oficial.

Matacuzana: como jogar

Antes de começar, você deve providenciar algumas pedrinhas e fazer um buraco [ou círculo] no chão. [...] Agora, reúna alguns amigos, cada um com uma pedrinha na mão, e encha o buraco [ou círculo] com outras pedrinhas.

O objetivo da brincadeira é jogar a sua pedrinha para cima, tirar uma das pedrinhas do buraco [ou círculo] e pegar de volta a sua antes de ela cair no chão. Joga uma pessoa por vez. Cada um deve ir jogando até errar ou esvaziar todo o buraco [ou círculo]. Quem erra passa a vez. Ah! Claro que vence quem tirar o maior número de pedrinhas!

Matacuzana, o que é isso??? *Ciência Hoje das Crianças*. Disponível em: <<http://chc.org.br/matacuzana-o-que-e-isso-2/>>. Acesso em: 22 ago. 2017.



a) O jogo da matacuzana, praticado por crianças de Moçambique, na África, é semelhante a algum jogo que você conhece? Se sim, qual? É possível que os alunos comentem a semelhança entre esse jogo e o jogo das Três Marias.

b) Quais elementos da cultura dos povos africanos estão mais presentes nos hábitos e nos costumes do seu lugar de viver? É muito provável que o aluno identifique a presença de algumas palavras de origem africana e de ritmos musicais, como o samba, em seu lugar de viver. Diversos outros elementos podem ser mencionados por eles.

Como podemos observar, as atividades retratam a cultura propriamente dita, trazendo palavras de origem africana, comidas, ritmos musicais e brincadeiras infantis, sempre atrelados aos conhecimentos prévios dos estudantes.

Na página 45 o livro volta a abordar a dimensão cultural da **alimentação** fazendo referência à culinária africana ao trabalhar com o gênero textual receita, dando ênfase ao azeite de dendê que é um ingrediente de origem africana. Nesta atividade sugere que os estudantes pesquisem uma receita com azeite de dendê.

Na página seguinte (46) aborda várias dimensões ao trazer a capoeira como exemplo de luta, esporte, dança e música. Chama atenção para os instrumentos musicais utilizados e busca envolver os conhecimentos prévios dos estudantes ao questioná-los se já assistiram a uma apresentação da mesma. Continua retratando a capoeira na página 47 quando traz a imagem de uma obra de arte de 1835, do pintor alemão Johann Moritz Rugendas. A imagem retrata um grupo de pessoas negras, daquela época, participando de uma roda de capoeira. A atividade discute, ainda, qual a real origem da capoeira,

lançando duas possíveis hipóteses para a origem desta. Abaixo veremos imagens das atividades da página 46 e 47:

No Brasil, a cultura africana está presente também na capoeira, muito praticada atualmente. A capoeira é uma atividade física que mistura esporte, luta, dança e música.

Na capoeira, as pessoas fazem movimentos corporais acompanhados de cantos e do som de instrumentos de origem africana.

3 Observe a foto que identifica alguns instrumentos musicais que fazem parte da capoeira atualmente.

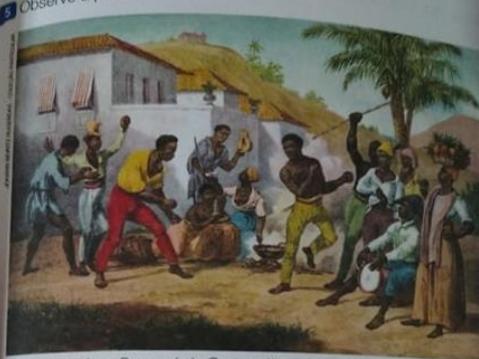


Apresentação de capoeira no município de Salvador, no estado da Bahia, em 2016.

4 Você conhece os instrumentos musicais identificados na foto? Conte aos colegas o que você sabe sobre os materiais de que são feitos e como são utilizados. Os alunos vão citar seus conhecimentos prévios sobre o atabaque e o berimbau.

4 Você já viu uma apresentação de capoeira? Se sim, conte aos colegas como foi. Respostas pessoais. Professor: caso nenhum aluno tenha tido contato com a capoeira, é interessante que realizem uma pesquisa na internet por vídeos que mostrem essa prática para eles conhecerem as músicas e os movimentos da capoeira.

3 Observe a pintura.



Jogar capoeira – Danse de la Guerre, óleo sobre tela de Johann Moritz Rugendas, 1835.

• Qual instrumento musical da capoeira atual não aparece na gravura?
Berimbau.

6 Os historiadores têm diferentes hipóteses sobre a origem da capoeira. Veja o quadro e identifique, nas linhas a seguir, qual é a principal diferença entre as duas hipóteses.

Hipóteses sobre a origem da capoeira	
Origem africana	Origem brasileira
Alguns historiadores acreditam que a capoeira já existia em Angola, na África, e foi trazida para o Brasil pelos africanos.	Outros historiadores defendem que a capoeira foi criada no Brasil por africanos vindos de diversas partes da África.

Alguns historiadores consideram que ela já existia em Angola, na África, e outros consideram que ela foi criada no Brasil por africanos vindos de diversas partes da África.

Na página 48 é feito uma retomada dos conhecimentos tratados no decorrer da unidade, abordando não só a cultura africana, mas todas as culturas que compõe a cultura brasileira. Na página 49 é sugerido a realização de uma entrevista com pessoas da comunidade sobre eventos culturais e na página 50 e 51 é proposta a produção de uma feira cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, percebemos que o enfoque dado a cultura neste material didático, busca, sobretudo, contextualizar a cultura brasileira de forma ampla fazendo menção a cada influência cultural que compõe a cultura brasileira, ou seja, não há uma ênfase



maior a cultura africana e afrobrasileira. Compreendemos ser insuficiente uma única unidade teórica para tratar da cultura brasileira.

Quanto ao destaque dado ao povo negro, vimos que não há um destaque. Há uma contextualização cultural fazendo menção as contribuições que o povo afrodescendente proporcionou a cultura brasileira. Em outras palavras, a figura do homem e da mulher negra não é posta em evidência. Não há um estudo evidente de combate ao racismo, nem de fortalecimento identitário. De maneira geral, é abordada a diversidade cultural e as influências de cada povo na formação da cultura brasileira.

Todavia, compreendemos ser necessário um estudo para verificar o que os currículos tem exigido do ensino na construção da identidade do povo negro. Assim saberemos se os livros didático adotados têm seguido a mesma perspectiva.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele. (org). **superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 117 - 123.

AR: aprender e relacionar: história e geografia: manual do professor/Ricardo Dreguer...[et al.]-1.ed.-São Paulo: Moderna, 2017.

BARDIN, Laurence. Definição e relação com as outras ciências. In:_____. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2011. p. 33 – 51.

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 1996.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidianas escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem fronteiras, v.11, n2, pp.240-255. Jul/Dez 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In:_____. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2012. p. 25 – 44.

MUNANGA, Kabengele. Ambiguidade de raça, classe e mestiçagem como mecanismo de aniquilação da identidade negra e afro-brasileira. In:_____. (Org.) **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. MUNANGA, Kabengele. 3 ed. Belo Horizonte, 2008.



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

SILVA, Daniele Araujo da. **A importância da (re) construção da autoestima para alfabetização de alunos com defasagem idade-série.** Monografia apresentada ao curso especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão. Universidade UAB/UNB. 2011.